

Automedicação: a prática entre discentes do curso de biomedicina de uma instituição de ensino superior do interior do Tocantins

Self-medication: the practice among students of the Biomedicine course of a higher education institution in the inland of Tocantins

Fabiana Rodrigues Fernandes¹, Valéria Mariana Ferreira Pinto de Souza², Ana Carla Peixoto³, Rogério Carvalho de Figueredo⁴

RESUMO

A prática da automedicação é realizada por variadas faixas etárias, sendo que os acadêmicos dos cursos voltados para área da saúde são que mais realizam esta prática em virtude do curso de formação que fornece fundamentos teóricos sobre patologias e medicamentos. O objetivo deste estudo foi identificar o perfil e a prática dos discentes do curso de biomedicina do Instituto Educacional Santa Catarina – Faculdade Guaraí, no município de Guaraí - TO, em relação a prática da automedicação sem prescrição médica. Trata-se de um estudo de campo de caráter exploratório, que utilizou um questionário para coleta de dados, seguindo os princípios éticos da resolução do CNS 466/12. Os discentes que estão na reta final do curso se automedicam com maior frequência comparado aos que cursam períodos iniciais. Os medicamentos mais usados sem prescrição médica são os analgésicos, anti-inflamatórios e anticoncepcionais. Mais de 65% dos discentes compram medicamentos sem prescrição médica, utilizando como base, na maioria das vezes, pesquisas feitas na internet. Constata-se consciência sobre os riscos da automedicação à saúde, porém, cada vez mais essa prática vem ocorrendo em todo país.

Palavras-chaves: Automedicação. Biomedicina. Discentes. Medicamento.

ABSTRACT

The practice of self-medication is carried out by different age groups, and the students of courses focused on the health area are the ones who most practice this practice due to the training course that provides theoretical foundations about pathologies and medications. The aim of this study was to identify the profile and practice of students of the biomedicine course at Instituto Educacional Santa Catarina - Faculdade Guaraí, in the city of Guaraí - TO, in relation to the practice of self-medication without medical prescription. This is an exploratory field study, which used a questionnaire to collect data, following the ethical principles of the resolution of CNS 466/12. Students who are in the final stretch of the course self-medicate more frequently compared to those who are in initial periods. The most used drugs without a prescription are analgesics, anti-inflammatory and contraceptives. More than 65% of students buy drugs without a prescription, using as a basis, most of the time, research done on the internet. There is awareness of the health risks of self-medication, however, this practice is increasingly occurring across the country.

Keywords: Self-medication. Biomedicine. Students. Medicine.

¹ Acadêmica do curso de bacharel em Biomedicina do IESC-FAG.

E-mail: fabianafer44@gmail.com

² Acadêmica do curso de bacharel em Biomedicina do IESC-FAG.

³ Biomédica, Especialista em Saúde Pública, Docente do IESC-FAG.

⁴ Enfermeiro, Doutorando em Administração e Gestão da Saúde Pública, Mestre em Ciências da Saúde, Docente do IESC-FAG.

1. INTRODUÇÃO

O avanço na utilização do tratamento medicamentoso é evidenciado vigorosamente por muitos estudiosos e profissionais atuantes na área da saúde, com o enfoque na diminuição das taxas de óbitos, ou seja, na cura de diversas enfermidades que devolve ao indivíduo o seu estado normal de saúde, conseqüentemente melhorando a qualidade de vida e aumentando as chances de expectativas de vida dos seres humanos¹.

O medicamento é um composto imprescindível para a saúde da humanidade e também um instrumento básico e fundamental para os médicos durante as consultas acompanhadas de prescrições médicas, internações de pacientes em hospitais, durante cirurgias e entre outras eventualidades, utilizando o medicamento como um recurso terapêutico de sinais e sintomas. Apesar das vantagens, o uso irracional dos fármacos torna-se cada vez mais frequente, resultando em um grande problema de saúde pública².

A automedicação é uma prática exercida por indivíduos que apresentam alguma patologia, e em busca do tratamento para recuperar o equilíbrio do organismo humano, o mesmo procura opções para minimizar os seus sintomas sem a realização de uma consulta médica, que poderia ser acompanhada de exames laboratoriais para um melhor diagnóstico da doença. O indivíduo decide por conta própria a escolha do melhor medicamento para o tratamento de um sintoma ou doença assim como a posologia do fármaco³.

A prática da automedicação se torna a cada dia mais comum dentro da sociedade atual, sendo motivada por diversos fatores, tal como a influência cultural, passada de geração para geração; as propagandas que possuem grande potencial de persuasão; relatos de amigos e parentes sobre uso e eficácia de determinado medicamento já utilizado; entre outros, que desenvolvem no indivíduo a instigação para a compra e consumo. Além do mais, é uma opção fácil e prática para o alívio de sintomas⁴.

Muitas são as unidades farmacêuticas que vendem medicamentos sem a necessidade de uma prescrição médica, impulsionando a automedicação independente dos sinais e sintomas apresentados pelo comprador-consumidor⁵. O ato da automedicação pode mascarar a patologia por um determinado tempo e favorecer a complicação do estado de saúde do indivíduo, procrastinando o diagnóstico médico, resultando fortemente no agravamento de uma doença que inicialmente seria de fácil conduta terapêutica⁶.

Atualmente observa-se as dificuldades para obter-se o acesso aos serviços de saúde pública e também o aumento do custo para a aquisição de inúmeros medicamentos,

que conseqüentemente favorecem a iniciativa do indivíduo em tomar soluções alternativas para o tratamento de diversos sintomas que acometem a homeostasia do corpo humano, elevando a cada dia o número de pessoas que se automedicam para sanar os sintomas e recuperar o seu bem-estar⁷. Entretanto a automedicação vem ampliando a sua incidência entre os jovens e discentes de formação superior.

A prática da automedição é comum entre as diversas faixas etárias e gênero. Por outro lado, a prevalência da prática da automedicação tem influência entre os acadêmicos em virtude do curso de formação escolhido por cada indivíduo, sendo que os discentes da área da saúde são os que mais praticam a automedicação, por possuírem um amplo conhecimento em relação aos princípios ativos dos medicamentos⁸⁻⁹.

Diante do conhecimento apresentado e cenário amplo da automedicação surgiu a seguinte questão norteadora: Qual é o perfil e a prática dos discentes do curso de biomedicina do Instituto Educacional Santa Catarina - Faculdade Guaraí - IESC/FAG, em relação a automedicação?

Estudos comprovam que ao contrário do que algumas pessoas pensam, o maior número de praticantes da automedicação não são os que menos possuem informações, mais sim, aqueles que possuem conhecimento significativo sobre fármacos, que dá ao indivíduo confiança durante a escolha e compra de um medicamento em uma unidade farmacêutica¹⁰.

Por tanto é evidente a necessidade de um estudo de campo para identificar os motivos que levam os discentes do curso de Biomedicina a se automedicarem sem a orientação médica, trançando o perfil dos mesmos. A pesquisa de campo é de grande relevância por não possuir um acervo de pesquisas com o tema voltado para o curso de Biomedicina.

O presente artigo teve como objetivo identificar o perfil e a prática dos discentes do curso de biomedicina do Instituto Educacional Santa Catarina – Faculdade Guaraí, no município de Guaraí - TO, em relação a prática da automedicação sem prescrição médica.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa é considerada uma pesquisa de campo de caráter exploratório do tipo quantitativa e descritiva promovendo maior familiaridade com a questão norteadora, onde será possível observar resultados voltados para o curso de Biomedicina, tornando o problema mais explícito e contribuindo no surgimento de novas hipóteses, procurando

descrever características de um determinado grupo de indivíduos, sendo também de levantamento pois será coletado dados através da aplicação de questionário extraindo informações dos indivíduos pesquisados em relação ao objetivo da pesquisa¹¹.

Quanto aos aspectos éticos, foram seguidos os preceitos éticos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), tendo como número de parecer o 3.740.443 e CAAE 19935119.4.0000.8111.

A amostra foi composta no total de 79 discentes aptos participar da pesquisa, abrangendo 3 períodos do curso de Biomedicina do Instituto Educacional Santa Catarina – Faculdade Guaraí-IESC/FAG. Estando distribuído em: 25 discentes do 4º período, 22 discentes do 6º período e 32 discentes do 8º período.

Os critérios de inclusão foram os discentes devidamente matriculados no curso de Biomedicina independente do período que estava sendo cursado. Incluso tanto os participantes do sexo feminino quanto o do sexo masculino, não sendo determinado a faixa etária para a inclusão e os que consentirem em cooperar com pesquisa, assinando o Termo de Consentimento. Não puderam participar do estudo acadêmicos dos cursos de Fisioterapia, Enfermagem, Agronomia, Zootecnia, Educação Física, Administração, Direito, Pedagogia, Engenharia Civil, professores e funcionários da instituição de ensino. E o discente que rejeitar a sua participação.

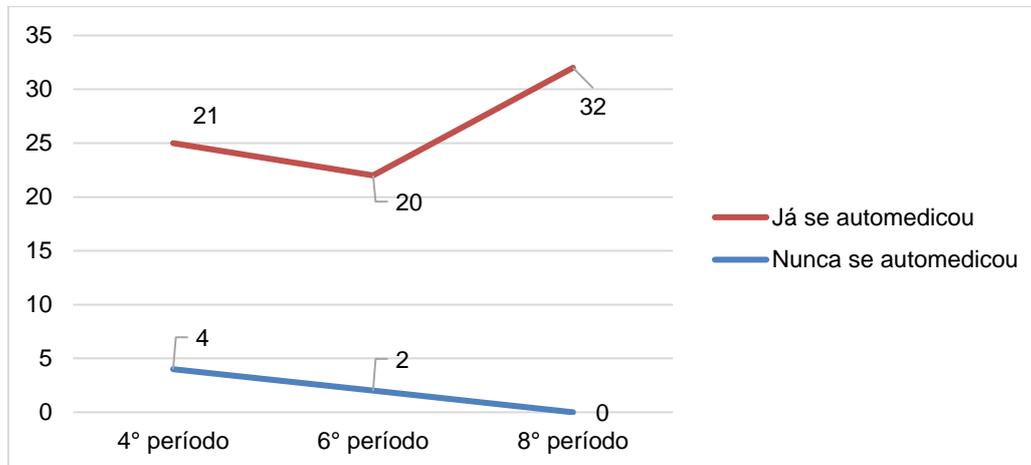
O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário abrangendo 6 perguntas objetivas e 4 dissertativas. A estrutura do questionário não permitiu a identificação dos discentes, certificando o sigilo das informações e anonimato. O questionário foi aplicado na sala de aula de cada período que conta com um ambiente climatizado, boa iluminação e ventilação, facilitando a coleta de dados sem a dispersão dos acadêmicos.

A análise dos dados coletados foi realizada no Programa Microsoft Excel 2016, que possibilitou a tabulação e produção dos gráficos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo teve como amostra inicial 79 (setenta e nove) discentes do curso de biomedicina aptos para participar da pesquisa, porém 6 (seis) discentes optaram por não participar, portanto, tendo como amostra final 73 (setenta e três) discentes.

Gráfico 1. Período de curso de Biomedicina que mais realiza automedicação.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do estudo.

Com base nos resultados obtidos no gráfico 1, foi possível identificar que o período de Biomedicina que mais efetua a prática da automedicação é o 8º período com 32 (trinta e dois) discentes que relataram já ter realizado a prática da automedicação. Esse dado corrobora com o nível de conhecimento dos discentes, visto que a turma de discentes que está há mais tempo no curso é a que todos os participantes afirmaram já ter se automedicado.

Entretanto, os dados apresentados neste gráfico não possuem relevância estatística, visto que a amostra de discentes de cada período apresenta uma desproporcionalidade, a qual não possibilita uma comparação com resultados fidedignos. Por outro lado, o resultado semelhante foi evidenciado em outras pesquisas.

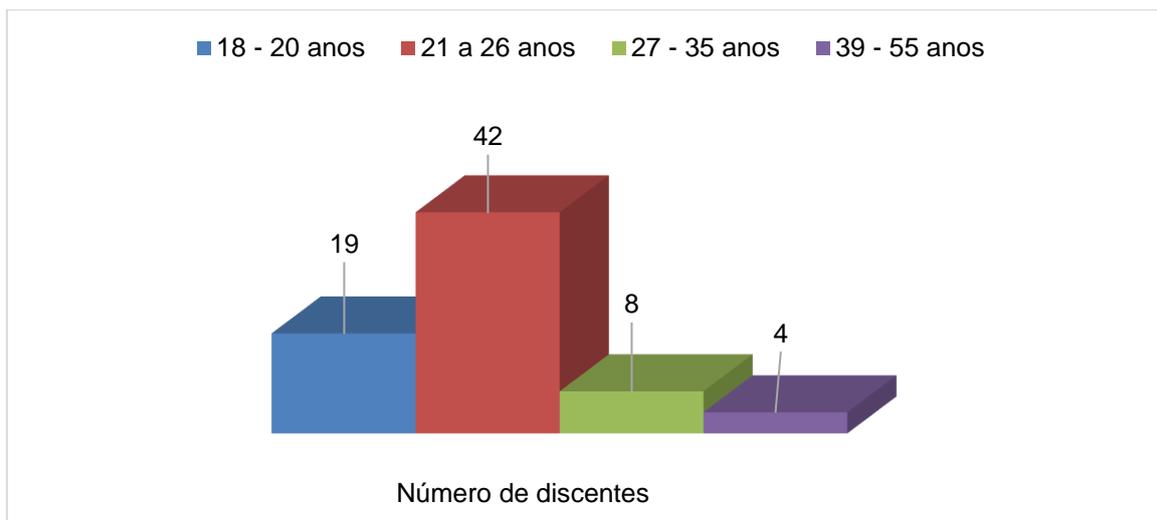
Em uma pesquisa com acadêmicos do curso de Medicina de Fernandópolis – São Paulo, acadêmicos dos períodos próximos a finalização da graduação, tinham um aumento gradual da prática da automedicação, pois o conhecimento e a maior experiência adquirida ao longo da formação acadêmica torna os mesmos mais confiantes para a realização da prática de se automedicar, e em um estudo relacionado a prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários do Norte do Paraná, onde 87,4% dos entrevistados confirmaram já ter realizado automedicação^{12, 6}.

O uso de medicamentos de maneira indiscriminada é bastante comum e frequente entre acadêmicos de ensino superior dos mais variados cursos de formação. Durante uma pesquisa realizada foi identificado que parte dos acadêmicos de uma universidade que

foram avaliados, afirmaram que o estresse ocasionado pelo curso sendo um dos principais motivos que os levaram a prática da automedicação. Entretanto, o ato de se automedicar foi ainda mais visível nos acadêmicos da área da saúde².

Tratando-se de acadêmicos que estudam ao longo do curso de graduação e adquirem o conhecimento teórico em farmacocinética e farmacodinâmica e que futuramente se tornarão profissionais na área da saúde, era esperado que a autoterapia ocorresse em números menos expressivos e que o conhecimento adquirido fosse mais reflexivo, visto que são estudantes conscientes dos males e benefícios causados pelos medicamentos, e estes são os que utilizam erroneamente o conhecimento como instrumento na prática da automedicação².

Gráfico 2. Faixa etária dos discentes do curso de biomedicina em relação a prática da automedicação.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do estudo.

Mediante a análise do gráfico 2, em relação a faixa etária, os discentes do curso de biomedicina que mais realizam a prática da automedicação possuem idade entre 21 a 26 anos (57%), seguido dos que possuem entre 18 a 20 anos (26%). O resultado obtido condiz com o estudo realizado entre acadêmicos de enfermagem de uma instituição particular de ensino com a faixa etária maior de acadêmicos entre 18 e 29 anos que correspondeu a 48% dos pesquisados¹⁴.

No estudo da avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza - CE revelou a predominância da faixa etária entre 18 a 28 anos, justificando o maior índice da prática

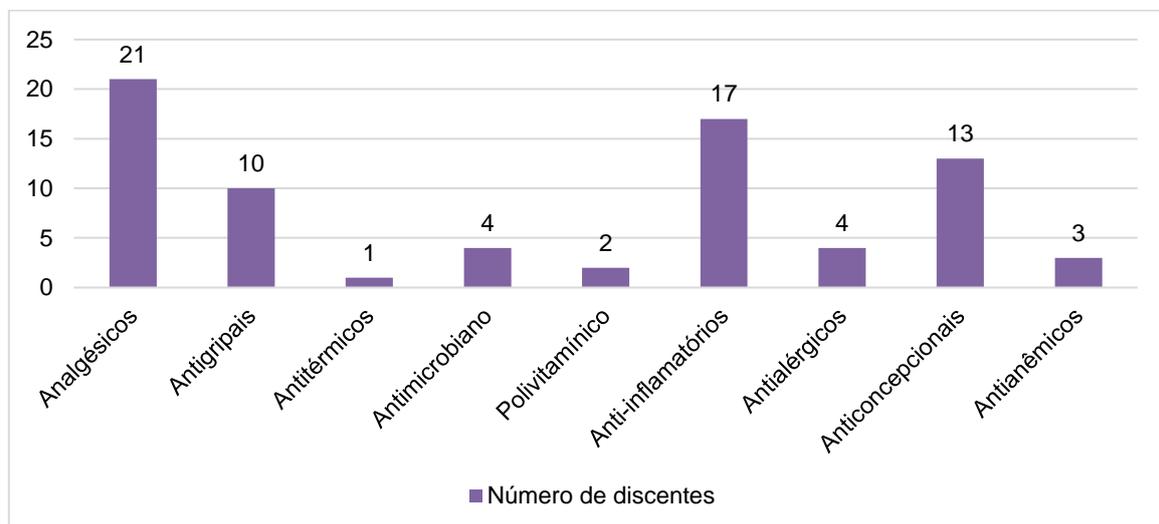
entre os mais jovens, pelo fato destes serem menos pacientes e estarem a cada dia mais preocupados com o seu estado de saúde, não esperando por um o atendimento médico adequado, assim optando por outras alternativas práticas e rápidas como a pesquisa em sites da internet^{15, 6}.

A amostra de discentes identificada a partir do sexo biológico revelou que 88% (n=64) dos acadêmicos são do sexo biológico feminino e 12% (n=9) são do sexo biológico masculino.

A prevalência da automedicação realizada pelo sexo feminino foi observada em diversos estudos, como o da relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários, que dentre 503 estudantes que realizavam a automedicação 71% (n=354) eram do sexo feminino¹⁶.

O aumento do percentual entre as mulheres é esclarecido pelo fato do sexo feminino possuir maior autocuidado a saúde do que os homens, considerando diversos fatores socioculturais, e por estarem mais expostas a utilização de medicamentos em todas as fases da vida devido necessidades fisiológicas¹⁴.

Gráfico 3. Medicamentos mais utilizados pelos discentes sem a prescrição médica.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do estudo.

Diante dos resultados apresentados no gráfico 3, o grupo de medicamento mais utilizado sem a prescrição médica é o analgésico, sendo utilizado por 21 (28%) discentes. Os anti-inflamatórios são o segundo grupo de medicamentos mais utilizados por 17 (23%) discentes, e em seguida os anticoncepcionais por 13 (17%) discentes.

Em uma pesquisa realizada com estudantes do norte do Paraná houve um número elevado de acadêmicos que utilizam analgésicos, correspondendo a 65,3% dos pesquisados, por outro lado, 36,8% fazem o uso dos anti-inflamatórios⁹. Estes dados compatibilizaram com um estudo realizado com usuários atendidos pelos serviços da atenção primária da cidade de Manhuaçu-MG, onde 35% relatam fazer o uso de analgésicos¹.

Por conseguinte, o outro grupo de fármacos mencionado em estudos foi o anticoncepcional, sendo adquirido por conta própria ou indicação de “amigas” que relatam e comprovam a eficácia da utilização de um determinado anticoncepcional. Entretanto somente após a realização de uma consulta médica é que o médico deve prescrever o anticoncepcional mais apropriado a paciente⁹.

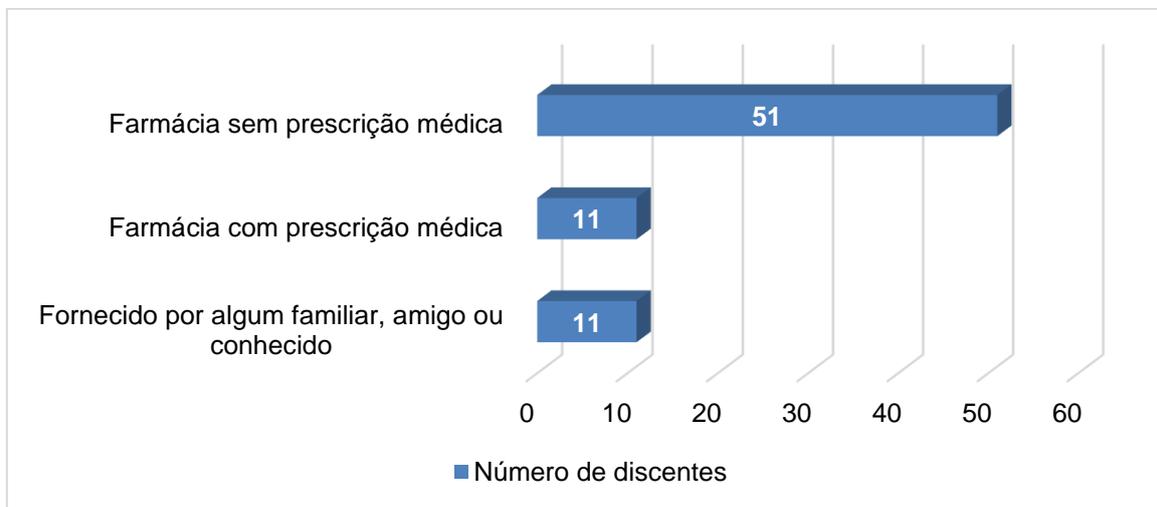
A Organização Mundial de Saúde preconiza que o uso de medicamentos deve ser de forma consciente, ou seja, medicamento adequado a suas necessidades, doses precisas, pelo período apropriado, e que seja sob a prescrição e orientação de uma pessoa legalmente habilitada. E que são as patologias rotineiras que tem levado ao uso da automedicação, como, gripe, alergias, infecção de garganta dentre outros⁴.

Os anti-inflamatórios e os antibióticos têm ganhado destaque na automedicação, sendo julgados capazes de solucionar enfermidades e não se atentando a necessidade de procurar a orientação de um especialista¹⁷. A automedicação pode induzir um vício, seja ele psíquico ou físico. Nenhum medicamento possui 100% de eficácia, todos tem seu efeito colateral, assim como todo medicamento tem o seu risco. A automedicação tem se mostrado um grande desafio, que por sua vez não deve ser motivada¹⁷.

A utilização de antimicrobianos, deve ser realizada após a consulta médica, prosseguida da solicitação médica de uma cultura do microrganismo e a realização e resultado do antibiograma feitos por um analista clínico, que resultaram em um melhor diagnóstico e prescrição do antimicrobiano para o patógeno identificado, por outro lado quando não ocorre a identificação do patógeno pode encobrir o diagnóstico, causando no indivíduo intoxicação grave¹⁸.

A verdade é que o grande responsável pelo o surgimento e disseminação de microrganismo que desenvolveram resistência é a própria humanidade que faz o uso irracional dos medicamentos¹⁹.

Gráfico 4. Modo de aquisição dos medicamentos.



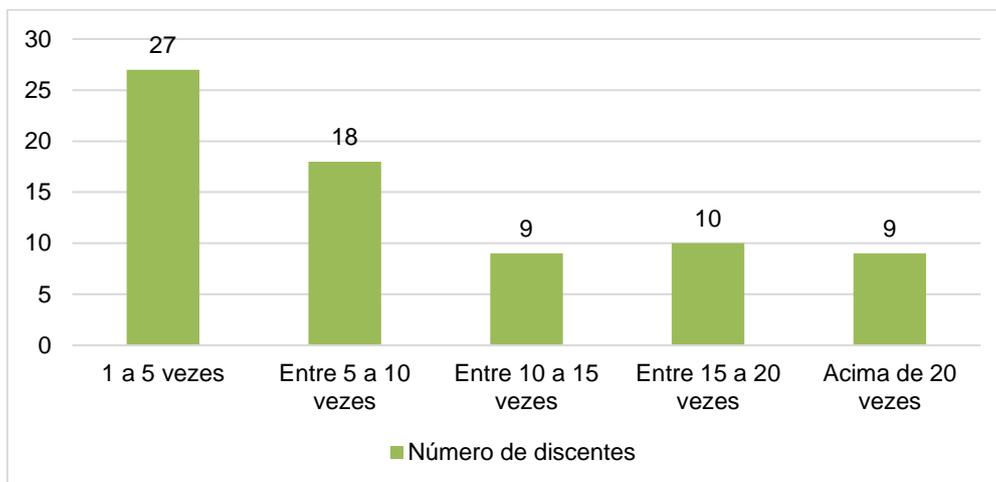
Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do estudo.

Em análise do gráfico 4, percebe-se que 51 (69%) dos discentes do curso de biomedicina adquirem medicamentos em farmácias sem prescrição médica; e 11 (15%) compram medicamentos com prescrição médica ou conseguem através de familiares, amigos ou conhecidos.

Segundo a pesquisa realizada entre acadêmicos do curso de farmácia, constatou-se que 61,35% se automedicam por conta própria¹⁵. Da mesma forma no estudo da prevalência da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem da Faculdade de Caxias do Sul, onde a maioria relata que a fonte motivadora para a automedicação é o próprio conhecimento, baseando-se também no conhecimento de profissionais farmacêuticos que trabalham em unidades farmacêuticas²⁰.

Desta maneira, apresentada a relevância epidemiológica, onde é observado o impacto negativo da automedicação, a prática entre acadêmicos da área da saúde que se automedicam por se sentirem mais familiarizados e autoconfiantes e que deixam de optar por procurar a assistência médica ou farmacêutica para o tratamento adequado, julgando serem capazes de decidir a solução para os seus problemas de saúde, tornam a automedicação uma consequência significativa de problema de saúde pública na atualidade^{2, 8}.

Gráfico 5. Frequência da prática da automedicação por ano realizada pelos discentes do curso de Biomedicina.

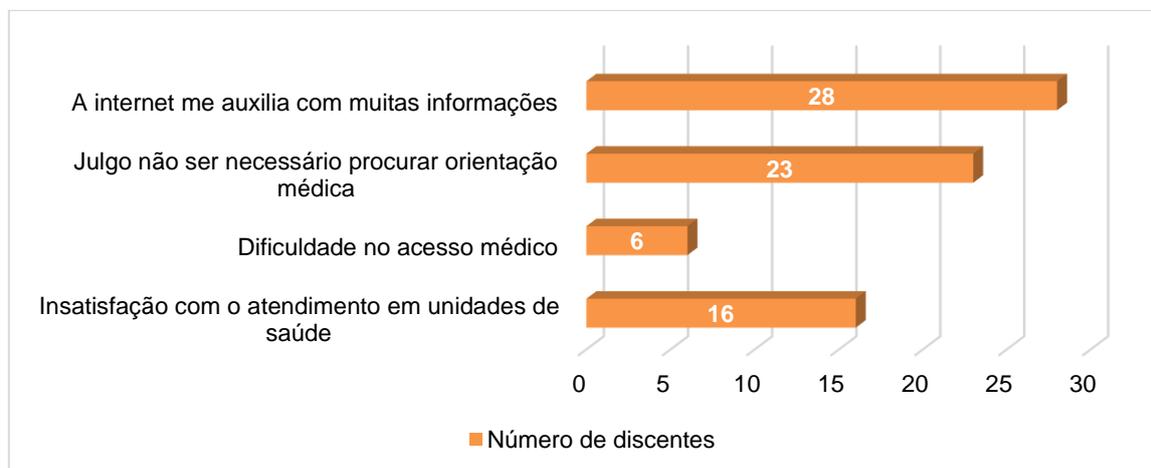


Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do estudo.

Em conformidade com o gráfico 5, dos 73 discentes, 27 (36%) responderam realizar automedicação de 1 a 5 vezes por ano, enquanto 18 (24%) fazem o uso de 5 a 10 vezes ao ano; 10 (13%) fazem uso de 15 a 20 vezes, 9 (12%) entre 10 e 15 vezes, e 9 (12%) acima de 20 vezes ao ano.

Semelhantemente, pesquisas comprovam os resultados adquiridos pelo estudo realizado com estudantes do curso de enfermagem, que quando questionados em relação a frequência do uso de fármacos revelaram que 49,41% realizavam a automedicação às vezes e 15, 69% frequentemente¹⁵.

Gráfico 6. Motivos que levam a prática da automedicação entre os discentes do curso de Biomedicina



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do estudo.

De acordo com o gráfico 6, 28 (38%) dos discentes afirmam que a prática da automedicação é realizada a partir de informações da internet, frente a 23 (31%) discentes que realizam a prática de automedicar-se por julgar não ser necessário procurar a orientação médica. A insatisfação com o atendimento em postos de saúde e hospitais é confirmada por 16 (22%) acadêmicos.

Atualmente percebe-se um aumento significativo na busca ativa por informações sobre saúde e doença na internet, tanto por pacientes quanto por profissionais da saúde. Na rede as pessoas passaram a ter fácil acesso a orientações sobre práticas de prevenção e promoção da saúde, principalmente por órgãos governamentais, com base em estudos cientificamente comprovados e seguros. Em contra partida, há pessoas com determinados acometimentos de saúde que procuram por ajuda virtual, a partir do compartilhamento da história da doença vivenciada, a depoimentos de recuperação, entre outros conteúdos de caráter empírico ²⁵.

Considerando o avanço tecnológico, principalmente dos meios de informação e comunicação, a internet tem facilitado o acesso das pessoas à informações sobre doenças e medicamentos, que por conseqüentemente, fomenta a automedicação, aumentos os riscos de intercorrências e complicações pelo uso inadequado de medicamentos²⁶.

Estudos mostram que a maior parte das pessoas procuram por informações sobre medicamentos na internet e, em conseqüência, se automedicam a partir das referências encontradas, sem orientação médica ou de outro profissional²⁷.

Outro motivo apontado pelos acadêmicos em virtude da prática da automedicação é a falta de tempo para realizar uma consulta médica. De acordo com alguns estudos a prevalência da automedicação entre estudantes de formação superior varia de 38,0% a 97,8% em conformidade com o lugar de origem dos acadêmicos, a graduação e período¹³.

A falta de acessibilidade aos serviços básicos de saúde, as condições financeiras, políticos e culturais tem contribuído para a automedicação. Tornando-se um problema de saúde pública¹². A população procura cada vez mais manter abastecida, suas “farmacinhas” em casa, acreditando que os medicamentos solucionam tudo, e com isso aumenta a prática da automedicação²¹.

Patologias são geradas pelo uso incorreto dos medicamentos, dificultando assim o seu tratamento ou até mesmo a cura. Medicamentos que não deverias ser vendido sem uma prescrição média, são comercializados sem nenhum rigor²².

Apesar de percebida pelo estudo a prática comum da automedicação, quando os discentes foram questionados se sabiam dos riscos dessa prática, 96% (n=70) deles afirmaram estar cientes dos riscos e somente 4% (n=3) afirmaram não conhecer. Resultado similar encontrado entre estudantes de farmácia em Fortaleza - CE, 93,10% dos entrevistados estão cientes dos riscos que a automedicação pode acarretar a saúde¹⁵.

O mesmo resultado foi observado em um estudo realizado em relação ao perfil de uso de medicamentos entre universitários de diferentes áreas de conhecimento, a maioria dos pesquisados reconhecem os riscos causados pela automedicação, e até mesmo os possíveis danos recorrentes a esta prática²³.

Em outra pesquisa 60,7% dos participantes da pesquisa que eram acadêmicos que se automedicavam, possuíam conhecimento acerca das contraindicações e efeitos adversos causados por determinados medicamentos, enquanto somente 39,3% não tinham conhecimento sobre os efeitos colaterais no organismo humano. O resultando da pesquisa reforçou a ideia de que os estudantes da área da saúde possuem muito mais conhecimento do que os de outras áreas de graduações e mesmo assim são o que mais realizam a prática automedicação⁶.

O Brasil está no sexto lugar no ranking dos países que mais realizam a automedicação, de modo que os medicamentos são utilizados pela população de forma desenfreada e errônea, impossibilitando a redução no número de pessoas que realizam esta prática, dificultando também nas políticas públicas voltadas para a saúde. A prática e o hábito da automedicação acarretam malefícios, principalmente para os seus praticantes. De acordo com a Associação Brasileira de Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), anualmente no Brasil, muitos brasileiros vão a óbito em decorrência da automedicação²⁴.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a importância do assunto, conclui-se que, o desenvolvimento da pesquisa possibilitou compreender a realidade dos acadêmicos quanto a automedicação, e estes dados poderão subsidiar ações para prevenção desse hábito prejudicial à saúde. As ações poderão ser planejadas de forma direcionada com vistas a alcançar maior conscientização entre esse público.

Com base nos dados coletados nesta pesquisa pode-se concluir também que o sexo feminino é o que mais realiza a prática da automedicação, já a faixa etária é de 21 a 26 anos, quanto a forma de aquisição dos medicamentos a mais prevalente é a sem

prescrição médica ou de uma pessoa legalmente habilitada. Foi evidenciado que o medicamento mais utilizado pelos discentes é o analgésico.

Sabe-se da importância da internet para a difusão de informações que contribuem para o alcance do pleno estado de saúde, porém, evidenciou-se sua influência para a automedicação como fator de risco para a saúde dos discentes, sendo necessária a utilização dessa ferramenta com cautela e de forma segura, com vistas a prevenção de problemas de saúde e agravos.

Ressalta-se a relevância do assunto para a atenuação desse problema, não só entre os discentes, mas também a sociedade, por meio da propagação de informações. Frisando a complexidade e dificuldade que toda apuração científica abrange, destaca-se que a execução desses estudos é de grande valia, encorajando novas pesquisas e incentivando novos estudos.

REFERÊNCIAS

1. Dias MC, Oliveira DB, Alcântara LIE, Paiva JROC, Pereira NBC, Camargo RL, Arroyo JCL, Sotte DMKS. Conhecimento quanto aos medicamentos de uso contínuo e automedicação dos usuários atendidos pelos serviços da atenção primária em um bairro da cidade de Manhuaçu-MG. Anais II Jornada de Iniciação Científica da FACIG – 08 e 09 de novembro de 2018;1-9. Disponível em: <http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/view/761/0> Acesso em: 26/05/2020.
2. Freitas VP, Marques MS, Duarte SFP. Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista. Id on Line Rev. Mult. Psic. 2017;11(39). Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/938> Acesso em: 26/05/2020
3. Ramos LS. A temática “automedicação” no Ensino de Química Orgânica por meio de uma atividade lúdica. Dissertação de mestrando em Ciências da Saúde. (2016) Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Ambiente. Centro Universitário de Volta Redonda. Disponível em: https://sites.unifoa.edu.br/portal_ensino/mestrado/mecsma/arquivos/2016/leonardo-siquira.pdf Acesso em: 26/05/2020
4. Correia BC, Trindade JK, Almeida AB. Fatores correlacionados à automedicação entre os jovens e adultos-uma revisão integrativa da literatura. Rev Inic Cient e Ext.2019; 2(1): 57-61. Disponível em: <https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/143> Acesso em: 26/05/2020
5. Bispo NS, Ferreira MMG, Vasconcelos AC, Esteves MB. Automedicação: solução ou problema? XVI SEPA - Seminário Estudantil de Produção Acadêmica, UNIFACS.

2017; 478-492. Disponível em:

<https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/4899> Acesso em: 26/05/2020

6. Santos TS, Almeida MM, Pessoa ÉVM, Pessoa NM, Siqueira HDS, Silva JMN, Junior RNCM, Rodrigues ACE, Silva FL, Silva ABS, Pessoa GT, Sousa FCA. Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior. Scientia Plena 14, 076501.2018;14; (7):1-9. Disponível em: <https://www.scientiaplenu.org.br/sp/article/view/4159> Acesso em: 26/05/2020
7. Ascari RA, Ferraz L, Buss E, Rennau LR, Brum MLB. Estratégia saúde da família: Automedicação entre usuários. Revista UNINGÁ Review. 2014. 18(2): 42-47. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20140501_121413.pdf Acesso em: 26/05/2020
8. Lopes AM, Mata LCC. Automedicação entre graduandos das áreas de saúde e exatas da faculdade ciências da vida na cidade de Sete Lagoas/MG. Revista Brasileira de Ciências da Vida, [S.l.]. 2017.5(1). ISSN 2525-359.
9. Tomasini AA, Ferraes AMB, Santos JS. Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná. Biosáude, Londrina. 2015; 17(1). Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/biosaude/article/view/25285/20458> Acesso em: 26/05/2020
10. Albuquerque LMA, Franco RCC, Silva LLC, Dantas AFFB, Alencar JL, Sá MF CP. Avaliando a Automedicação em Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal Da Paraíba (UFPB). v. 1 n. 1 (1): Medicina & Pesquisa - janeiro/abril 2015 Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rmp/article/view/18278> Acesso em: 26/05/2020
11. Sordi, JO. Desenvolvimento de projeto de pesquisa. 2017 – 1.ed. – São Paulo: Saraiva.
12. Tognoli TA, Tavares VO, Ramos APD, Batigália F, Godoy JMP, Ramos RR. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. J. Health Biol Sci. 2019; 7(4): 382-386. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/2571/1012> Acesso em: 26/05/2020
13. Garbin CAS, Batista JA, Garbin AJS, Saliba TA. A Realidade de uma Prática Autocomplacente: Relato de um Caso De Automedicação; Arch Health Invest.2019; 8(1):39-42. Disponível em: <http://www.archhealthinvestigation.com.br/ArcHI/article/view/3152/pdf> Acesso em: 26/05/2020
14. Gama ASM, Oliveira MR, Beazussi KM, Gama ASM. Automedicação entre acadêmicos de enfermagem em uma instituição particular de ensino. Revista Científica Interdisciplinar. ISSN: 2358-841; Abril/Junho 2016; Nº 2, 3 (6). Disponível em:

<http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/242>

Acesso em: 26/05/2020.

15. Lima DM, Silva JS, Vasconcelos LF, Cavalcante MG, Carvalho AMR. Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza-CE. Revista Expressão Católica Saúde; Jan – Jun; 2017; 2 (1). Disponível em:
<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/recsaude/article/view/2122/pdf> Acesso em: 26/05/2020
16. Coelho MTAD, Santos VP, Carmo MBB, Souza AC, França CPX. Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde. 2017 Fev;6(1):5-13. Disponível em:
<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1141/817> Acesso em 26/05/2020.
17. Silva FVL. Automedicação: Impacto Na Saúde Pública e Individual. Dissertação de Mestrado em Ciências Farmacêuticas. 2016. Universidade de Coimbra. Disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/48240/1/M_Fernando%20Silva.pdf Acesso em: 26/05/2020
18. Ferreira RL, Júnior ATT. Estudo sobre a automedicação, o uso irracional de medicamentos e o papel do farmacêutico na sua prevenção. Rev Cient FAEMA: Revista da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA, Ariquemes, v. 9, n. ed esp, p. 570-576, maio-jun, 2018. Disponível em:
<http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/download/rcf.v9iedesp.617/549/> Acesso em: 26/05/2020
19. Vieira PN, Vieira SLV. Uso irracional e resistência a antimicrobianos em hospitais. Arq. Cienc. Saúde UNIPAR, Umuarama, 2017; 21(3):209-212. Disponível em:
<https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/viewFile/6130/3501> Acesso em: 26/05/2020
20. Ferreira FG, Souza JSM, Paim RSP. Prevalência da Automedicação em Acadêmicos de Enfermagem em uma Faculdade de Caxias do Sul. Editora Unijuí – Revista Contexto & Saúde. jan./jun. 2019; 19 (36). Disponível em:
<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/6908> Acesso em: 26/05/2020
21. Arrais PSD, Fernandes MP, Pizzol TSD, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, Tavares NUL, Farias MR, Oliveira MA, Bertoldi AD. Prevalência Da Automedicação No Brasil E Fatores Associados; Rev Saúde Pública 2016;50. Disponível em:
https://www.scielo.br/pdf/rsp/v50s2/pt_0034-8910-rsp-s2-S01518-87872016050006117.pdf Acesso em: 26/05/2020
22. Oliveira MM, Corage LN, Oliveira BP, Silva LG. Automedicação em acadêmicos: uma revisão da literatura brasileira entre 2000 a 2017. Revista Saúde e Pesquisa, v. 11, n. 3, p. 623-630, setembro/dezembro 2018. Disponível em:

<http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/12/967902/6762-31171-4-pb.pdf> Acesso em:
26/05/2020

23. Batista VS, Soares RO. Perfil de uso de medicamentos entre universitários de diferentes áreas de conhecimento. Monografia (graduação em Farmácia) – Departamento de Farmácia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de Sergipe. 2016; 1-33. São Cristóvão-SE. Disponível em:
https://www.ri.ufs.br/bitstream/riufs/10617/2/Vanessa_Santos_Batista.pdf Acesso em:
26/05/2020
24. Bueno F. Uso irracional de medicamentos: um agravamento à saúde pública. Trabalho de Conclusão de Curso em Farmácia. 2017. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ; 1-40. Ijuí (RS). Disponível em:
<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/4499/Flavio%20Bueno.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 26/05/2020
25. Luque LF, Bau T. Health and Social Media: Perfect Storm of Information. Healthcare Informatics Research, South Korea, v. 21, n. 2, p. 67-73, 2015. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.4258/hir.2015.21.2.67> Acesso em: 26/05/2020
26. Bujnowska-Fedak MM. Trends in the use of the Internet for health purposes in Poland. BMC Public Health, v. 15, n. 194, p. 1-17, 2015. Disponível em:
<https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/s12889-015-1473-3>
Acesso em: 26/05/2020
27. Rodrigues ACM, Lima GC, Coelho LO, Silva LO, Oliveira SA, Torres TG. A internet como fonte de informação em saúde para pacientes de uma unidade de saúde pública de Anápolis, Goiás (2018). Trabalho de Conclusão de Curso em Medicina. Centro Universitário de Anápolis – UNIEVANGÉLICA. Anápolis – GO. Disponível em:
<http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/849/1/5.pdf> Acesso em: 26/05/2020.